

PROGRESSO

Johan Norberg

PROGRESSO

DEZ RAZÕES
PARA TER ESPERANÇA
NO FUTURO

TEMAS E DEBATES

Círculo de Leitores

INTRODUÇÃO

OS BONS VELHOS TEMPOS SÃO ESTES

Nada é mais responsável pelos bons velhos
tempos do que uma má memória.

FRANKLIN PIERCE ADAMS¹

Terrorismo. Estado Islâmico. Guerra na Síria e na Ucrânia. Crime, homicídio, execuções em massa. Fomes, cheias, pandemias. Aquecimento global. Estagnação, pobreza, refugiados.

«Destruição e desespero em toda a parte», como uma mulher declarou num inquérito de rua quando a rádio pública lhe pediu para descrever o estado do mundo². É isso que vemos nos noticiários e parece ser a história dos nossos dias. Um artigo sobre o espírito do tempo nas vésperas da passagem do ano de 2015 no *Financial Times* era precedido do seguinte cabeçalho: «Destroçado, ferido e apreensivo – o mundo está à beira de um ataque de nervos.»

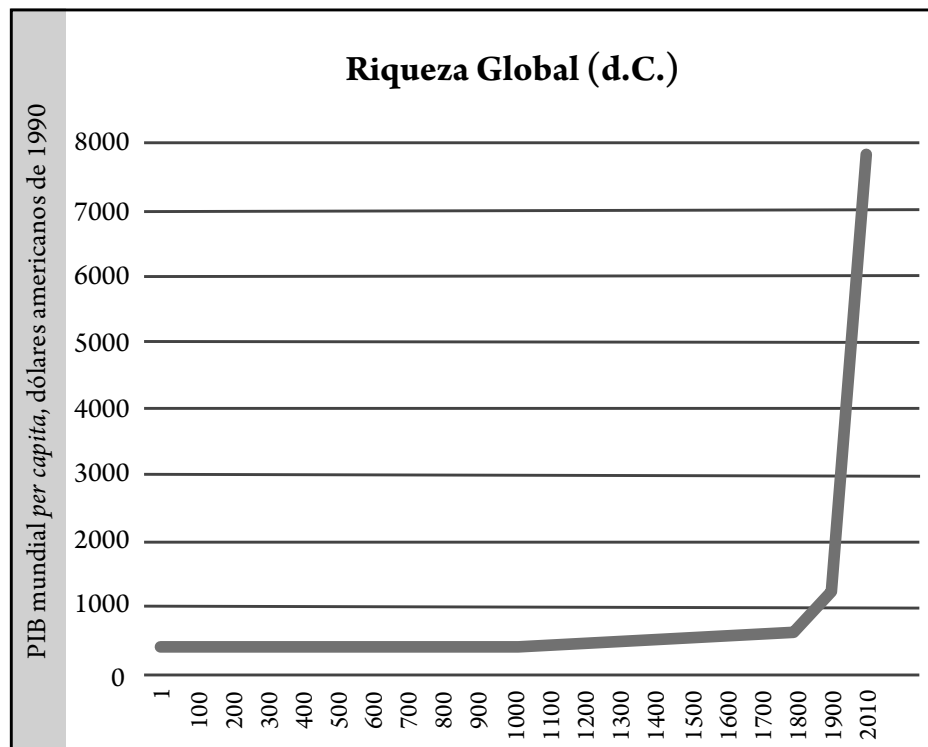
Estas perceções alimentaram o medo e a nostalgia sobre os quais Donald Trump construiu a sua campanha para presidente dos EUA. Cinquenta e oito por cento dos que votaram para a Grã-Bretanha sair da União Europeia no recente referendo leva-

do a cabo no país dizem que a vida hoje é pior do que há trinta anos. Em 1955, 13 por cento do público sueco pensava que na sociedade existiam «situações intoleráveis». Ao fim de meio século de expansão das liberdades humanas, rendimentos cada vez maiores, redução da pobreza e melhoria dos cuidados de saúde, era essa a opinião de mais de metade dos suecos³.

Muitos especialistas e autoridades concordam. O general Martin Dempsey, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas dos EUA, declarou recentemente perante o Congresso: «Posso confirmar pessoalmente que [...] [o mundo] está mais perigoso do que nunca.»⁴ O papa Francisco afirma que a globalização condenou muitas pessoas à fome: «É verdade que em termos absolutos a riqueza do mundo cresceu, mas a desigualdade e a pobreza aumentaram.»⁵

Na esquerda política, a ativista Naomi Klein defende que a nossa civilização se encontra numa «rota de colisão» e que estamos a «desestabilizar o sistema de apoio à vida do nosso planeta»⁶. À direita, o filósofo John Gray crê que os seres humanos são *Homo sapiens*, uma espécie predadora e destruidora cuja civilização se aproxima do fim⁷.

Eu partilhava o pessimismo deles. Quando comecei a formar a minha visão do mundo, na Suécia em plenos anos 80, achava a civilização moderna difícil de engolir. As fábricas, autoestradas e supermercados constituíam para mim um espetáculo deprimente e a vida de trabalho moderna parecia-me uma grande chatice. Associava esta nova cultura global do consumismo aos problemas da pobreza e aos conflitos que a televisão trazia para as nossas salas de estar. Sonhava com uma sociedade que pusesse o relógio a andar para trás, uma sociedade que vivesse em harmonia com a natureza. Nunca tinha pensado como as pessoas de facto viviam antes da Revolução Industrial, sem medicamentos nem antibióticos, sem água potável, comida suficiente, eletricidade ou saneamento básico. Imaginava que a vida era então uma espécie de excursão moderna ao campo.



Fonte: Maddison, 2003⁸.

Por causa dos meus estudos, comecei a ler história e a viajar pelo mundo. Descobri que já não podia romantizar os bons velhos tempos quando comecei a perceber o que eles tinham de facto sido. Um dos países a que dediquei os meus estudos sofria de subalimentação crónica – era mais pobre, tinha uma esperança de vida mais curta e uma taxa de mortalidade infantil mais alta do que um país médio da África subsariana. Esse país era a Suécia dos meus antepassados, há cento e cinquenta anos. A verdade é que, se pusermos o relógio a andar para trás, os bons velhos tempos foram horríveis.

Apesar do que ouvimos nos noticiários e dizem os comentadores, o mais importante da nossa época é estarmos a assistir à maior melhoria dos padrões de vida globais jamais registada. Pobreza, malnutrição, analfabetismo, mão de obra e

mortalidade infantil estão a descer mais depressa do que em qualquer outro período da história humana. Ao longo do último século, a esperança de vida aumentou mais de duas vezes o que aumentou nos duzentos mil anos anteriores. O risco de exposição de um indivíduo à guerra, à morte numa catástrofe natural ou à ditadura, em nenhuma outra época foi mais pequeno. Uma criança que nasça hoje tem mais probabilidades de alcançar a idade da reforma do que os seus antecessores tinham de comemorar o quinto ano de vida.

A guerra, o crime, as catástrofes e a pobreza são dolorosamente reais e na última década os meios de comunicação globais obrigaram-nos a ter deles uma consciência diferente – vemo-los ao vivo no ecrã, todos os dias, a toda a hora – mas, apesar dessa presença constante, são problemas que sempre existiram, embora até certo ponto escondidos. A única diferença é que agora encontram-se em rápido declínio. O que hoje vemos são exceções, ao passo que antes eram a regra.

Esse progresso teve início com o iluminismo intelectual dos séculos xvii e xviii, altura em que começámos a examinar o mundo com as ferramentas do empirismo em vez de nos contentarmos com comentadores, tradições e superstições. O seu corolário político, o liberalismo clássico, começou a libertar as pessoas das grilhetas da hereditariedade, do autoritarismo e da servidão. Logo a seguir veio a Revolução Industrial do século xix, quando a capacidade industrial ao nosso dispor se multiplicou e começámos a vencer a pobreza e a fome. Essas revoluções sucessivas foram suficientes para libertar grande parte da humanidade das duras condições de vida em que sempre vivera. Com a globalização de finais do século xx, quando essas tecnologias e liberdades se espalharam ao resto do mundo, tudo isso se repetiu a uma escala e um ritmo maiores do que nunca.

Os seres humanos nem sempre são racionais ou benevolentes, mas em geral querem melhorar as suas vidas e as vidas das suas famílias e com um nível tolerável de liberdade traba-

lharão mais para que isso aconteça. Passo a passo, a reserva de conhecimento e riqueza da humanidade vai aumentando. Na nossa era, o número de pessoas com diferentes perspectivas e soluções para os problemas é maior do que antes. Assim, estamos constantemente a acumular conhecimento, científico ou de outra ordem, e cada indivíduo pode basear o seu contributo nos das centenas de milhões de pessoas que o precederam, num círculo virtuoso.

Este livro é sobre os triunfos da humanidade. Mas não se trata de uma mensagem de complacência. É escrito em parte como uma advertência. Seria um erro terrível tomar esse progresso como garantido. Vivemos com estes problemas durante a maior parte da história. No mundo, há poderes em jogo que podem demolir os pilares deste desenvolvimento – as liberdades individuais, a economia aberta e o progresso tecnológico. Terroristas e ditadores fazem os possíveis por destruir sociedades abertas, mas também existem ameaças no interior das nossas sociedades. Há um dilatado ressentimento contra a globalização e a economia aberta por parte de populistas tanto de esquerda como de direita. É visível a hostilidade contra a sociedade cosmopolita, urbana e fluida, que sempre existiu, por parte dos que são socialmente conservadores, mas hoje ela surge combinada com a ideia de que o mundo exterior é perigoso e precisamos de erguer muros contra ele, no sentido quer literal, quer figurativo.

Existe um risco real de violenta reação nativista. Quando não vemos o progresso feito, começamos a procurar bodes expiatórios para os problemas que permanecem. Por vezes quase desejamos dar uma hipótese ao primeiro demagogo que nos garantir que tem soluções simples para a nossa nação voltar a ser grandiosa, seja pela nacionalização da economia, pelo bloqueio às importações ou pela expulsão dos imigrantes. Se estamos convencidos de que não perdemos nada em fazê-lo é porque temos uma péssima memória.

Nessas alturas temos de nos lembrar do espantoso progresso produzido pelo desenvolvimento lento, firme e espontâneo de milhões de pessoas a quem foi dada a liberdade de melhorar as suas próprias vidas e, com isso, melhorar o mundo. É um tipo de progresso que nenhum dirigente, nenhuma instituição ou nenhum governo pode impor de cima para baixo. Este livro explica o que aconteceu, como aconteceu e porque não demos por nada.

É sem dúvida a maior proeza da humanidade. Se olharmos para o desenvolvimento do mundo com mais frequência, de todas as vezes veremos provas das nossas capacidades. Assim, peço emprestado o epitáfio de Sir Christopher Wren, o arquiteto que construiu a Catedral de São Paulo e nela foi sepultado: *Si monumentum requiris, circumspice* («Se queres ver um monumento, olha à tua volta»).